

# FH usa campanha para avaliar imagem

■ Planalto acompanha horário gratuito e conclui que ataques dos candidatos da oposição não abalaram a confiança no governo

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso acompanha o processo das eleições municipais com seus monitores ligados não só na sucessão presidencial de 1998 mas também nos danos que críticas feitas pelos adversários durante a campanha possam produzir na crença da população em seu projeto de governo.

O presidente só está pessoalmente envolvido, sem constrangimentos, na eleição municipal de São Paulo. É onde vota, tem candidato — o tucano José Serra —, seu partido, o PSDB, tem força e, também, onde um representante do governo, o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, está diretamente envolvido na campanha. Mesmo em capitais importantes para o PSDB,

como Rio e Belo Horizonte, o acompanhamento não tem esquema especial.

“A grande preocupação é de analisar as críticas”, disse um assessor do presidente, explicando o acompanhamento das eleições em todo o país. Nos primeiros dias de campanha no rádio e na televisão em dez capitais o governo detectou os principais pontos explorados pela oposição.

Os adversários criticam o programa de ajuda aos bancos privados, o desemprego, a liberação das tarifas bancárias, a demora da reforma agrária e a criação da Contribuição Provisória sobre a Movimentação Financeira (CPMF) para socorrer com verbas o setor de saúde pública, que se destaca negativamente pela péssima qualidade de

seus serviços.

A avaliação, entretanto, é de que atacar o presidente não rende votos. “Não deve ser bom negócio criticar o presidente. Sua popularidade continua em alta e até subiu um pouco”, disse um assessor de Fernando Henrique, referindo-se a uma pesquisa de 7 de agosto passado, que registrou ganho de 3% nas avaliações ótimo/bom e redução de 3% no ruim/péssimo. Essa também é a opinião de Marcos Coimbra, do Instituto Vox Populi: “Não parece razoável lutar contra alguém cuja imagem tem boa avaliação na opinião pública.”

O Palácio do Planalto orientou o PSDB a pedir direito de resposta na Justiça Eleitoral quando a crítica for desrespeitosa ao governo. Até agora isso foi necessário apenas

uma vez, em São Paulo. O candidato à prefeitura pelo PSTU, Valério Arcary, disse que Fernando Henrique, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e José Serra formavam uma quadrilha. “Foi um ataque grosseiro”, reclamou o porta-voz da Presidência, embaixador Sérgio Amaral.

O presidente e seus principais assessores estão conscientes das limitações do desempenho eleitoral do PSDB. Por essa razão, as projeções políticas têm como ponto de partida a importância do êxito em conjunto dos candidatos de partidos aliados e o estabelecimento de uma parceria para sustentar o governo e a sucessão.

É por esse motivo que o presidente sempre se manifesta no sentido de que sua presença, mesmo que

discreta, tem que ser compartilhada por todos os aliados. Embora negue a exclusividade do apoio presidencial aos candidatos do PSDB, o Palácio do Planalto cobra dos candidatos tucanos a defesa do governo: “O partido tem a obrigação de defender o governo das tentativas da oposição de explorar a desinformação dos eleitores e de desvirtuar as nossas propostas”, disse um integrante do governo.

A falta dessa vinculação, na campanha, entre PSDB e governo, é considerada um dos motivos pelos quais seus candidatos têm enfrentado dificuldades. “Em alguns locais os partidos aliados estão faturando mais do que os tucanos o prestígio do governo Fernando Henrique”, disse o vice-líder do

PSDB, deputado Ubiratan Aguiar (CE). A executiva tucana encomendou pesquisas em capitais e grandes centros urbanos do interior. Todas constataram ser pequena a parcela de eleitores que identifica o candidato local do PSDB com o presidente.

“O partido tem que fazer a campanha com a sua cara. Temos que vincular nossas candidaturas com o Plano Real”, disse o secretário-geral do PSDB, deputado Arthur Virgílio (AM), que ainda espera numa reviravolta em favor dos tucanos: “Não acredito que dure por muito tempo esta onda em favor de desconfiançados”, disse sobre o crescimento de Celso Pitta (PPB), em São Paulo, e Luis Paulo Conde (PFL) no Rio.